

do Ato em Reverência a Memória dos Professores David Mesquita da Cunha, Pedro da Rocha Andrade e Luiz Severo Motta.

Aos vinte e oito (28) dias do mês de dezembro do ano de mil novecientos e setenta e oito (1978), na sala 302 do Instituto de Física da UFRGS, presentes os integrantes da Congregação, do Conselho Departamental, o Diretor e Vice-Diretor, os Chefes dos Departamentos, a Coordenadora da Comissão de Carreira de Física, o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRGS, professores, alunos e funcionários do Instituto, bem como professores de outras Unidades da UFRGS e parentes e amigos dos homenageados, teve lugar o Ato em referência.

Às 17 horas, o Sr. Diretor do Instituto, presidindo o Ato, abriu a sessão e, após saudar os presentes e agradecer seu comparecimento, passou a palavra ao Prof. Celso Sander Müller, que proferiu a seguinte oração alusiva ao Prof. David Mesquita da Cunha: "Heráclito, filósofo grego que viveu cinco séculos antes da era cristã, criou um dito que chegou até nós: PANTA RHEI - todas as coisas fluem. Robert Hooke, físico inglês, vinte séculos mais tarde, enunciou sua conhecida lei: UT TENSIO SIC VIS - as deformações são proporcionais às tensões.

Menos de 20 anos atrás, tive meu primeiro contato com o Professor David Mesquita da Cunha, na Escola de Engenharia, como seu aluno; mais tarde veio a ser Diretor deste Instituto, até seu passamento.

Revendo a personalidade desse querido Mestre, encontro nele a pessoa capaz de compreender os princípios antagônicos que constituem a essência da filosofia de Heráclito, a pessoa capaz de decidir por qual dos princípios agir em cada situação, enfim, o homem que sabia distinguir o estado líquido do estado sólido, a teoria da prática e o sonho da realidade.

A medida que o fumo do tempo vai apagando as arestas que caracterizavam as ações do Mestre, as lições que ele nos deixou vão aparecer do mais cristalinas.

A primeira lição que ele nos legou é uma lição de civismo.

Talvez não muitos entre vós a conheçam, já que ela é muito - mais aparente nas atividades do Mestre como professor da Cadeira de Centrais Elétricas da Escola de Engenharia.

Durante uma visita à Usina de São Jerônimo, usina feita à boca do poço Otávio Reis, projetada para operar com o carvão extraído dessa mina, tenho dificuldade em descrever os sentimentos que dominavam o

Prof. David ao revelar que as caldeiras daquela usina estavam sendo operadas com óleo combustível importado.

Nas lhanuras dos campos de Bagé, subitamente, em uma depressão mais profunda do terreno, nos deparamos com um monstro de tubos, vigas, fios, silencioso, cercado de ovelhas e vacas que pastavam tranquilamente. Situada junto a um local onde o carvão aparece após a remoção de apenas três palmos de terra, não requerendo portanto qualquer processo complexo de extração, uma dádiva do Criador ao nosso Estado, aquela usina jazia ali, pronta, montada, com o coração parado, há doze anos, isso em 1960.

As máquinas da usina de Charqueadas, atiradas em um pátio de terra, cobertas com lonas ou telheiros improvisados, aguardavam o momento em que se transformariam em uma usina pujante, ao lado do local da mina.

As chaminés das antigas locomotivas a vapor da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e da Usina do Gasômetro já não mais conheciam o cheiro do nosso carvão, já estavam viciadas em cheiro de petróleo.

Isso, e muito mais, fazia o Mestre sofrer.

Ele, com mais um pequeno punhado de heróis, entre os quais, se não me trai a memória, estavam Noé de Freitas, José do Patrocínio Motta e Bernardo Geisel, eram as únicas vozes que ainda se levantavam contra a campanha de desmoralização do nosso carvão, promovida por interesses alienígenas de todos conhecidos.

Dentro desse contexto, é fácil de entender o interesse do Prof. David em incentivar ao máximo possível toda a atividade de pesquisa, quando do Diretor do Instituto de Física, tanto mais quanto mais próxima ela se situasse de aplicações práticas. Ainda que a ideia de Física Aplicada tivesse outro pai, ele foi seu melhor padrinho.

Aprendemos aí com ele que, em questões de princípios, devemos ser elásticos, embora firmes, e que de nenhuma forma podemos admitir que outras pressões nos deformem.

A segunda lição que ele nos legou é uma lição de paciência.

Para reabilitar a imagem do carvão, ele teve coragem e antevisão para formar engenheiros, incutindo neles essa ideia, contando com que, vinte anos mais tarde, ao assumirem postos de mando, se lembrariam do que lhes fora ensinado, e sabemos que isso é o que está acontecendo nos dias de hoje.

Ao aceitar a Direção do Instituto de Física, sabia que estava fazendo o equivalente a assumir a gerência de uma empresa insolvente, insólita não por incapacidade própria, mas por contingências externas.

Após os promissores anos iniciais do Instituto de Física, suportado com o dinheiro da COSUPI, a situação do país forçava o Governo a medidas de economia, e por isso o Instituto de Física já não contava mais com a fonte original de recursos. Por outro lado, a Universidade não se dispunha a assumir esse encargo. Examinando os gráficos do orçamento do Instituto nessa época, verifica-se que, após uma fase de crescimento franco, estava havendo uma diminuição alarmante dos recursos totais, de tal monta que, a continuar naquele ritmo, não teríamos mais dois anos de existência.

A luta para inverter essa tendência não foi fácil. Requereu uma paciência sem limites. Foram anos de batalha e argumentação, até chegarmos a um estágio de crescimento contínuo e adequado, com o pleno reconhecimento, pela Universidade, da existência e do valor do Instituto de Física.

Aprendemos aí, do Mestre, que o uso judicioso e persistente de pressões, nos pontos apropriados, e dando-se tempo ao tempo, na medida requerida, pode remover do nosso caminho os obstáculos que se nos antepõem.

Os resultados, hoje, estão à vista, para comprovar o acerto.

Os mais óbvios são o progresso da CEEE, a utilização do carvão em geração de energia, as usinas hidroelétricas, o Plano do Carvão visando seu aproveitamento industrial e para gaseificação, os projetos do Polo Carboquímico.

Menos aparentes, mas indubitavelmente devidos em grande parte a ele, a criação de um grupo de engenheiros eletrônicos dentro do Instituto de Física, à falta de melhor lugar, especializados em técnicas digitais e computação, que deu como fruto a fortificação do Centro de Processamento de Dados, a criação do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Computação e, nos dias de hoje, a instalação de várias empresas de fabricação de computadores, que está ocorrendo no nosso Estado.

As duas lições que nos deixou, como se vê, chegam a ser antagônicas em alguns pontos, como antagônicas sempre são os princípios dentro da filosofia de Heraclito.

Devemos saber usar as pressões necessárias para remover os obstáculos do nosso caminho, mas devemos também saber resistir as pressões que existam para nos tirar do caminho, ou para nos demover dos nossos princípios.

Devemos considerar os obstáculos como líquidos viscosos, mas nós devemos nos comportar como pertencendo ao Estado Sólido!

A seguir, o Prof. Fernando Claudio Zawislak relembrou algumas passagens da vida do Prof. Pedro da Rocha Andrade, vazadas nestes termos: "Nesta homenagem que estamos fazendo à memória do prof. Pedro da Rocha Andrade, quero relembrear algumas passagens da vida do colega e amigo. Pedro e sua esposa Eunice faleceram em um acidente de automóvel no dia 14 de dezembro de 1974.

Minhas relações com Pedro datam desde o início de seu curso de graduação em Física. Concluiu o bacharelado em 1961, na antiga Faculdade de Filosofia de nossa Universidade, como aluno brilhante. Quase que imediatamente após, em 1962, viajou para Upsala, Suécia, onde permaneceu durante um ano na qualidade de participante do Seminário Internacional para Pesquisa e Ensino de Física, na Universidade de Upsala. Este primeiro estágio do jovem pesquisador no exterior já foi de muito sucesso, pois neste período envolveu-se ativamente nos trabalhos de pesquisa do grupo de correlação angular da Universidade de Upsala e publicou, juntamente com os pesquisadores locais, três trabalhos científicos importantes na área.

Ao retornar a Porto Alegre, em 1963, Pedro participou ativamente da implantação definitiva de nosso grupo de pesquisa no campo experimental de Correlações Angulares e Física Nuclear. Em 1965 Pedro iniciou seu doutorado sob a orientação do prof. John D. Rogers. Concluiu-o brilhantemente em 1968, com tese no campo da aplicação da técnica nuclear de correlação angular em sólidos. Seu trabalho incluía um detalhado estudo de relaxação em sólidos, assunto muito atual nos dias de hoje.

Durante os anos de 1972 e 1973 Pedro fez seus estudos de pós-doutoramento na University of Southern California, em Los Angeles, USA, já trabalhando em um novo campo que envolvia estudos de cristais dielétricos, ordem/desordem, transições de fase, etc. Foi um período extremamente produtivo sob o ponto de vista científico, incluindo um importante artigo de revisão na área de propriedades de cristais dielétricos em co-autoria com o prof. Sergio Porto.

Retornando ao Brasil, Pedro decidiu estabelecer-se no Instituto de Física de nossa Universidade, apesar de ter vantajosas ofertas de outras Instituições. Estruturou um grupo de pesquisa no seu campo de trabalho, que começava a dar os primeiros frutos quando um motorista irresponsável ceifou as vidas de Pedro e de sua esposa Eunice.

Ficou na lembrança de todos nós a imagem do homem gentil e afável, do espírito empreendedor e realizador, do cientista altamente capaz, do orientador seguro e interessado em seus alunos. Ficou na lembrança a maior de suas virtudes, que era a soma das qualidades acima mencionadas, a do grande professor que foi e do grande mestre que certamente viria a ser, pois Pedro tinha interesses muito mais amplos do que a Física.

Para os que não tiveram o privilégio de conhecer Pedro da Rocha Andrade, uma visita a sua biblioteca, que temporariamente está no Instituto de Física, dará uma idéia da amplitude de seus interesses. Há livros de lógica, história, história e filosofia da ciência, discursos de Rui Barbosa, clássicos Portugueses, livros de arte, pintura, etc. Pedro era um grande admirador de Bertrand Russel, com quem mantinha correspondência quando estudante.

Por ocasião de sua morte Pedro estava escrevendo um livro sobre a vida de José Bonifácio, salientando sua face de cientista (mineralogia). É interessante lembrar que Pedro optara por física em oposição à carreira diplomática. Talvez por isso empolgava-se com a vida de José Bonifácio, político, diplomata e cientista.

Algumas semanas antes de sua morte Pedro havia me falado de planos em escrever um livro sobre grandes homens de diversas formações e áreas de interesse, mostrando pontos e aspectos comuns em suas filosofias. Lembro-me de ter-se referido a Einstein, Ghandi, Russel e Rui Barbosa.

Como teria sido o Instituto de Física da UFRGS com Pedro da Rocha Andrade, é algo que somente podemos imaginar. Creio que seria muito melhor.

Talvez Maurício, seu filho que sobreviveu ao acidente, realize algumas de suas múltiplas aspirações. Este é o nosso profundo desejo."

Logo após, o Prof. Darcy Dillenburg disse como "vê", ainda hoje, o Prof. Luiz Severo Motta: "Seis anos após sua morte seria preciso explicar quem era Luiz Severo Motta a muitos dos jovens que continuamente remoçam nosso Instituto. Disso eu não seria capaz. Também não posso evocar as recordações próprias que guardam aqueles que o conheceram.

Posso apenas dizer como é que o vejo eu ainda hoje.

Homem inquieto e vivaz; colega leal e generoso. O mundo era sua aldeia, a história seu jornal, a cultura sua ocupação.

Antes de assumir sua posição na Universidade, para onde veio do ensino Secundário, viajou pelo mundo, foi jornalista e correspondente de guerra. Tinha muitas aventuras para contar. Vagando no Oriente, invadiu inadvertidamente os jardins do palácio do rei Ibn Saud, em Riyadh e teve a sorte de sobreviver. Nunca voltou, que eu saiba, ao Japão onde deixou guardado um baú de objetos e documentos.

Quando, depois, grave enfermidade o levou a licenciar-se da Universidade foi-se com Saulny e Maria Eduarda para Portugal. De Cascais escrevia louvando a salubridade do clima e a baratez do custo de vida, características importantes para sua saúde e seu salário de professor.

Um dia marcou encontro com Cylon, junto à agulha de Cleópatra, em Londres; mas Cylon acabou indo visitá-lo em Cascais.

Motta possuía um senso profundo da história da humanidade e olhava dessa longa perspectiva os acontecimentos contemporâneos. Impressionava-o como uma das características chocantes de nosso tempo a manipulação das enormes energias da juventude para fins políticos pelas rampas velhas de todos os totalitarismos.

Em novembro de 1969 escrevia-me: "Sei que não és, como eu, poeta e diletante, e que tens teu tempo curto e ocupado". Foi uma comparação que recebi na época com condescendência, mas que releio agora com dupla mágoa. Primeiro, porque o tempo curto e ocupado furtou-me muito da convivência estimulante com o poeta amigo; segundo porque vejo diminutas atualmente as possibilidades de que o magistério superior seja exercido primordialmente como uma atividade cultural, face às pressões da relevância social e de tecnicismo profissional. Talvez assim deva ser. Mas, cuidemos, pelo menos, para que não se torne totalmente impossível ter algum poeta diletante em nosso meio. Porque afinal, nós e nossos estudantes perdemos muito quando nos deixou o que tínhamos".

Finda esta oração, colocou o Sr. Diretor a palavra à disposição do plenário e não havendo manifestação, renovou o Sr. Diretor, em nome do Instituto e do seu próprio, os agradecimentos pelo comparecimento de todos, e declarou encerrada esta cerimônia. Do que, para constar, foi lavrada esta Ata, por mim (Cenno José Friedrich), Secretário do Instituto de Física da UFRGS, que assino e leva o confere do Sr. Diretor.

Confere:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
INSTITUTO DE FÍSICA
Cenno José Friedrich
.....
SECRETÁRIO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
INSTITUTO DE FÍSICA
Edemundo da Rocha Vieira
Diretor